



Do Evangelho à identidade: a dialética de Lutero e os desafios do luteranismo brasileiro¹

From Gospel to identity: Luther's dialectics and the challenges of brazilian lutheranism

Eduardo Sales de Lima²

Resumo: Este artigo analisa a compreensão dialética do Evangelho em Lutero e sua relevância para os desafios identitários enfrentados pelo luteranismo brasileiro no contexto de seu bicentenário. A pesquisa examina, inicialmente, o panorama atual do luteranismo no Brasil, considerando as transformações socioculturais e religiosas das últimas décadas, com particular atenção aos desafios da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil (IECLB). Em seguida, analisa o pensamento de Lutero sobre o Evangelho, destacando suas tensões dialéticas fundamentais: entre mensagem e vida, dádiva e exemplo, lei e Evangelho. A metodologia, de natureza qualitativa e bibliográfica, parte da análise dos escritos de Lutero, especialmente seu comentário à Carta aos Romanos (1515-1516), em diálogo com estudos pós-coloniais sobre identidade cultural. Os resultados indicam que a compreensão dialética do Evangelho proposta por Lutero oferece importantes recursos conceituais para repensar a identidade luterana no contexto brasileiro contemporâneo, sugerindo caminhos para uma presença eclesial que seja simultaneamente fiel às suas raízes teológicas e responsiva aos desafios do presente.

Palavras-chave: Evangelho; Dialética; Identidade luterana; Lutero; Contexto brasileiro.

Abstract: This article analyzes Luther's dialectical understanding of the Gospel and its relevance to the identity challenges faced by Brazilian Lutheranism in the context of its bicentenary. The research initially examines the current landscape of Lutheranism in Brazil, considering the sociocultural and religious transformations of recent decades, with particular attention to the challenges faced by the Evangelical Church of Lutheran Confession in Brazil (IECLB). It then analyzes Luther's thought on the Gospel, highlighting its fundamental dialectical tensions: between message and life, gift and example, law and Gospel. The methodology, qualitative and bibliographical in nature, draws from the analysis of Luther's writings, especially his commentary on the Letter to the Romans (1515-1516), in dialogue with postcolonial studies on cultural identity. The results indicate that Luther's dialectical understanding of the Gospel offers important conceptual resources for rethinking Lutheran identity in the contemporary Brazilian context, suggesting paths for an ecclesial presence that is simultaneously faithful to its theological roots and responsive to present challenges.

Keywords: Gospel; Dialectics; Lutheran identity; Luther; Brazilian context.

¹ Este artigo foi recebido em 18 de novembro de 2024 e submetido a uma avaliação cega por pares, conforme a política editorial, sendo aprovado para publicação em 17 de dezembro de 2024.

² Doutor em Teologia pela Faculdades EST. Unicesumar. E-mail: pf.eduardo.sales@hotmail.com



Introdução

O ano de 2024 marca o bicentenário da presença luterana no Brasil, oferecendo uma ocasião oportuna para investigar a relação entre a compreensão original de Lutero sobre o Evangelho e os desafios identitários contemporâneos enfrentados pelas comunidades luteranas brasileiras. Esta pesquisa, de natureza qualitativa e bibliográfica, parte da análise dos escritos de Lutero, particularmente seu comentário à Carta aos Romanos (1515-1516), para examinar sua concepção dialética do Evangelho e suas implicações para a identidade eclesial. A investigação se desenvolve em diálogo com estudos pós-coloniais, permitindo uma reflexão sobre os processos de formação identitária no contexto brasileiro atual.

O texto se estrutura em duas partes principais. A primeira analisa o panorama atual do luteranismo brasileiro, considerando as transformações socioculturais e religiosas das últimas décadas, com particular atenção aos desafios identitários enfrentados pela Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil (IECLB).

A segunda parte examina a compreensão de Lutero sobre o Evangelho, explorando as tensões dialéticas presentes em seu pensamento: entre mensagem e vida, entre dom e exemplo, entre lei e Evangelho. A articulação entre essas duas dimensões – o pensamento original de Lutero e o contexto brasileiro contemporâneo – busca contribuir para a compreensão dos caminhos possíveis para a construção de uma identidade luterana que seja simultaneamente fiel às suas raízes teológicas e responsiva aos desafios do presente.

A metodologia empregada privilegia a análise documental dos textos de Lutero em diálogo com pesquisas contemporâneas sobre o campo religioso brasileiro e teorias pós-coloniais. Esse arcabouço teórico-metodológico permite examinar como a compreensão dialética do Evangelho proposta por Lutero pode oferecer recursos conceituais para enfrentar os dilemas identitários do luteranismo brasileiro, especialmente no que tange à tensão entre a preservação da tradição e a adaptação ao contexto multicultural brasileiro.

O bicentenário da imigração alemã: Luteranismos em transição

Considerando o bicentenário da imigração alemã, o que inicialmente foi caracterizado como uma igreja de imigração, concentrada em áreas rurais e preservando uma forte identidade étnico-



cultural alemã, hoje enfrenta o desafio de se redefinir em um contexto predominantemente urbano e multicultural.³ Mesmo as comunidades no campo também enfrentam novos modelos socioculturais.

A urbanização acelerada do Brasil, a partir da segunda metade do século XX, provocou grandes mudanças no contexto sociocultural. Se, por um lado, o êxodo rural alterou a distribuição geográfica das famílias brasileiras, por outro, o estabelecimento e impacto do Brasil no mercado internacional de *commodities* também modificaram significativamente a cultura do campo, contribuindo para um novo imaginário.⁴ A antiga cultura, mais rústica e simples, tem assumido contornos tecnológicos e modernos. Até o contexto de familiaridade rural parece estar desaparecendo diante da posição do campo como ferramenta indispensável ao mercado. Essa mudança no imaginário urbano e rural teve impactos sociais e políticos, inclusive em comunidades como a IECLB.

Além desse cenário de mudanças sociopolíticas, o luteranismo brasileiro enfrenta o desafio de manter sua relevância em um contexto religioso cada vez mais diversificado e competitivo. Segundo Mariano⁵, a reconfiguração do campo religioso brasileiro nos últimos anos tem sido marcada pela diminuição do catolicismo, crescimento evangélico e diversificação das formas de expressão religiosa.

A pesquisa sobre o perfil e opinião dos evangélicos no Brasil, realizada pelo Datafolha em dezembro de 2016,⁶ relata que, em agosto de 1994, os católicos representavam 75% dos brasileiros com mais de 16 anos; 10% eram evangélicos pentecostais, 4% eram evangélicos não pentecostais, 4% pertenciam a outros grupos religiosos e espíritas, e 5% eram pessoas sem religião. Em outubro de 2005, os católicos diminuíram para 66%, enquanto os evangélicos pentecostais cresceram para

³ Para um aprofundamento na história da imigração alemã no Brasil, considerando a questão religiosa, em específico a história do luteranismo, pode-se ler o artigo de WIRTH, Lauri Emilio. Protestantismo e colonização alemã no sul do Brasil: memória de conflitos. In: RAMOS, Heloisa Helena Capovilla da Luz; ARENDT, Isabel Cristina; WITT, Marcos Antônio. **Religiosidades em migrações históricas e contemporâneas**. São Leopoldo: Oikos; Editora Unisinos, 2016. p.135-166.

⁴ COUTO, Andréia Terzariol. Modernização do campo: novos paradigmas frente às tecnologias contemporâneas. In: **Geografia**, v. 28, n. 1, Rio Claro, 2003, p. 135-146,

⁵ MARIANO, Ricardo. Mudanças no campo religioso brasileiro no censo 2010. In: **Debates do NER**, Porto Alegre, ano 14, n. 24, p. 119-137, jul./dez. 2013, disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/debatesdoner/article/download/43696/27488/175702>

⁶ Pesquisa publicada pelo Datafolha em 28/12/2016, disponível na íntegra em: <https://media.folha.uol.com.br/datafolha/2016/12/28/da39a3ee5e6b4b0d3255bfef95601890afd80709.pdf>



14%. Os não pentecostais eram 7%, os espíritas 3%, e os sem religião, 7%. Em julho de 2015, os católicos eram 55% da população; os evangélicos pentecostais, 22%; evangélicos não pentecostais somavam 8%; espíritas, 3%; e os sem religião, 7%. Na pesquisa do Datafolha publicada em 13 de janeiro de 2020, 50% dos brasileiros adultos eram católicos; 31%, evangélicos; e 10%, sem religião.⁷ Esse movimento reflete o cenário de transformação no campo religioso brasileiro, com redução dos católicos, crescimento dos evangélicos pentecostais e do número de pessoas que se declaram sem religião.

O crescimento pentecostal e neopentecostal representa mais do que uma mudança numérica: trata-se de uma transformação qualitativa nas formas de expressão da fé cristã entre os brasileiros. Isso porque, com esses movimentos, surgiram alterações epistêmicas, políticas, sociais e litúrgicas, entre outras. O desenvolvimento do fenômeno *gospel*, as mudanças estruturais e administrativas, e a formação de megagregas com forte participação midiática na internet, no rádio e na televisão são alguns exemplos. Dentre as mudanças, destacam-se a utilização de lógicas do mercado empresarial, estratégias de marketing e gestão profissional, distanciando as comunidades do modelo tradicional de organização eclesial.⁸

Esse contexto de mudanças no cenário religioso nacional também se reflete em comunidades mais tradicionais, como a IECLB. Para denominações que se consideram históricas e herdeiras da Reforma Protestante, repensar a identidade nesse contexto de mudanças torna-se um verdadeiro desafio.

Wachholz⁹, ao tratar dos 200 anos da imigração alemã, discorre sobre os desafios da IECLB, apresentando cenários em que é preciso ponderar entre o exclusivismo religioso característico desde o início do movimento e os perigos da homogeneização e superficialismo de propostas inclusivas contemporâneas. Se considerados os estudos pós-coloniais, esses cenários possuem implicações ainda maiores.

⁷ Pesquisa publicada no Datafolha e divulgada no portal da G1. <https://g1.globo.com/politica/noticia/2020/01/13/50percent-dos-brasileiros-sao-catolicos-31percent-evangelicos-e-10percent-nao-tem-religiao-diz-datafolha.ghtml>

⁸ SUNG, Jung Mo. **Igreja, mercado e poder**. São Paulo: Fonte Editorial, 2019.

⁹ WACHHOLZ, Wilhelm. Luteranismo no Brasil: trajetórias e desafios. In: **Estudos Teológicos**, v. 49 n. 2, São Leopoldo, 2009 p. 180-206.

A partir do que apontou Wachholz, o principal desafio do luteranismo no Brasil é identitário.¹⁰ Nesse caso, a diferença colonial é a ambiguidade resultante da colonização.¹¹ Como sugere o índio “Isaiás”, personagem de Darcy Ribeiro, isso ocorre não porque faltam raízes – “porque isso nós temos demais”.¹² Esse personagem vivencia o conflito entre ser um indígena ou um religioso europeu, com a complicação de não ser plenamente nem um nem outro. A imigração alemã foi diferente da colonização portuguesa, não realizada com caráter de dominação; todavia, isso não reduz a complexidade dos processos resultantes para ambos.

No exemplo a seguir, de Karl von Koseritz, destaca-se a complexidade das relações na imigração alemã no Brasil: “Nós não vivemos no Brasil sob a bandeira alemã, mas pela língua e pelos costumes fazemos parte da Alemanha; nós estamos ligados por todas as fibras do coração à velha pátria; politicamente, porém, somos plena e completamente cidadãos brasileiros [...]”.¹³

Segundo a reflexão cultural desenvolvida por pensadores pós-coloniais, a colonialidade oriunda da imigração pode ser compreendida por quatro paradigmas maiores¹⁴: o de resistência, de enfrentamento, de hibridismo e o de fronteira. O primeiro, de resistência, foi proposto como resposta à dominação cultural; o segundo, como ataque para expurgar as estruturas culturais dominantes. Ambos possuem uma postura essencialista e preciosista. Nessa forma de pensar, ressalta-se a ênfase dualista e categórica entre o “eu” e o “eles”, o “dominado” e os “dominadores”, “colonizador” e “colonizados”, etc. São posturas em que o problema identitário é fundamental, enfatizando as diferenças.

O terceiro modelo é identificado com uma postura hibridista, o que Homi Bhabha chamou de “local da cultura”.¹⁵ Segundo esse modelo, no ponto de encontro entre duas culturas, surgem

¹⁰ A preocupação com a identidade da IECLB em seu ambiente cultural não é nova. Num artigo de 1978 sobre Hermann Gottlieb Dohms, Martin Norberto Dreher aborda o assunto da relação entre a Igreja e a Germanidade. DREHER, Martin Norberto. Visão, luta, herança: Hermann Gottlieb Dohms e a identidade da IECLB. In: **Estudos Teológicos**, v.18, n.3, São Leopoldo, 1978.

¹¹ O conceito de Ambiguidade colonial é muito presente nas obras do sociólogo peruano Anibal Quijano. QUIJANO, Anibal. **Cuestiones y horizontes**: de la dependencia histórico-estructural a la colonialidad/descolonialidad del poder. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: CLACSO; Lima: Universidad Nacional Mayor de San Marcos, 2020.

¹² RIBEIRO, Darcy. **Maíra**. São Paulo: Círculo do Livro, 1977, p.19.

¹³ KOSERITZ Karl von, 1885, p. 241 apud WEIZENMANN, Tiago, Política imigrantista e identidade étnica: o elemento teuto-brasileiro na visão de Karl von Koseritz. In: TEDESCO, João Carlos; NEUMANN, Rosane Márcia (Orgs.) **Colonos, colônias e colonizadoras**: Aspectos da territorialização agrária no sul do Brasil. Passo Fundo: Ed. Uni. Passo Fundo, 2019. p.147.

¹⁴ LIMA, Eduardo Sales. **A invenção do pecado por uma teologia pós/de-colonial**. 2020. 197 p. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação, Faculdades EST, São Leopoldo, 2020

¹⁵ BHABHA, Homi. **O Local da Cultura**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2001. p.24,27.



percepções híbridas, reunindo preferências sem necessariamente subjugar uma à dominância da outra. Não é um processo dualista, mas de síntese. O modelo proposto pelo jornalista Karl von Koseritz parece dialogar com essa proposta. Ressalvadas as diferenças, também pode resultar em processos de homogeneização e em hibridismos na própria identidade. Neste caso, embora haja certa “liberdade”, no fim, estabelecem-se formas de dominação cultural baseadas nas lógicas de mercado, como no caso do cinema hollywoodiano, por exemplo.

O quarto modelo é conhecido como “de fronteira”. Trata-se de uma forma de pensamento dialógico, que flui entre outras culturas “sem abrir mão” do que lhe é próprio.¹⁶ Essa proposta epistêmica foi desenvolvida por Glória Anzaldúa, referindo-se ao contexto chicano.¹⁷ Ela trata de uma situação comum nos EUA, em que se apresentam guetos culturais configurados, inclusive, territorialmente. Nesse caso, há um contínuo movimento *in/outsider*. Preserva-se a cultura e a identidade; não há hibridismo nem resistência, mas valorização da cultura própria sem desvalorizar ou negar a cultura e identidade do outro. É um modelo dialógico que preserva a identidade pela superação da dicotomia e categorização colonial.

Os quatro modelos não são autoexcludentes. Assim, é possível que, em uma instituição como a IECLB, presente em todo o território brasileiro, haja diferentes modelos de resposta à colonialidade. Inclusive, na mesma comunidade, pode haver pessoas com perspectivas de resistência, de ataque, perspectivas hibridistas e, em menor escala, seguindo a postura de fronteira.

Para identificar esses modelos, primeiro, é importante perguntar se, após 200 anos de presença, as comunidades ainda devem ser caracterizadas como de imigrantes. É preciso entender o que define a pertença e a cultura dessas comunidades. Como se relacionam com a cultura local e com as tradições culturais dos países de onde emigraram? Agem como *in/outsiders* culturais? Persistem as culturas de gueto? Como se relacionam com o hibridismo e os modelos de resistência? A complexidade cultural do fenômeno implica na necessidade de maior atenção e preparo por parte das lideranças.

Segundo Westhelle...

¹⁶ LIMA, Eduardo Sales. “Fiz-me tudo para com todos”: A mentalidade de fronteira na teologia de Paulo. In: **RIBLA**, vol. 91, n.3, Quito, Equador, 2023.

¹⁷ ANZALDÚA, Gloria. La conciencia de la mestiza/Rumo a uma nova consciência. In: **Estudos Feministas**, vol. 3, núm. 13, Florianópolis, 2005, pp. 704-719.



à medida que se pensou na identidade étnica como sendo uma continuação ou extensão da nação alemã em terra brasileira, não houve uma teologia organicamente vinculada com as comunidades. Foi uma teologia que jamais aterrizou porque supunha que o caráter germânico destas comunidades sustentava-se pela continuação racial, confundindo etnia com matriz biológica. O meio em que se desenvolveu a teologia não foi, então, a comunidade, mas a estrutura eclesial, o sínodo. Criou-se a lenda da identidade étnica baseada na raça e se perdeu o mito vivo que as próprias comunidades criavam e recriavam já em solo brasileiro.¹⁸

De acordo com essa reflexão, cada comunidade precisa ser considerada e identificada a partir de seus processos culturais próprios. Assim, Westhelle conclama à reflexão sobre a colonialidade do ser, para questionar por que a experiência brasileira foi subalternizada. Seu texto nos provoca a pensar se o problema, além da lenda, também inclui o discurso teológico de unidade que reduz a diversidade e a pluralidade a um único fator. Como se a identidade fosse algo sólido, imutável e único¹⁹, e como se a experiência do diferente não existisse. Esse é o problema! Na lógica de dominação colonial, toda diferença precisa ser reduzida à normalidade.²⁰

Além dos desafios identitários, a realidade pós-colonial das igrejas formadas por imigrantes também dialoga continuamente com o campo religioso brasileiro. Esse movimento pode ser ilustrado a partir da teoria da complexidade de Edgar Morin.²¹ Ele compara a nossa época a uma rede de computadores, em que cada expressão individual apresenta uma relação de troca de informações (in/output) com a rede, formando algo maior que influencia e é influenciado pelos terminais individuais. Isso é muito importante para a compreensão das identidades, que se caracterizam a partir dessas relações.²² Significa que as pessoas não estão isoladas, mas se relacionam continuamente com e a partir de diversos campos, neste caso, o religioso. Elas são configuradas e configuram as formas de ver e pensar a fé, relacionando valores tradicionais e experiências subjetivas com percepções e discursos de outras subjetividades.

Esse contexto intersubjetivo permite certa aproximação conceitual entre diferentes comunidades de fé. Por exemplo, há uma preocupação das igrejas em geral com o parco conhecimento teológico-doutrinário dos membros e lideranças. Ao considerar o conhecimento comunitário sobre Martinho Lutero, por exemplo, observou-se que, mesmo nas igrejas luteranas,

¹⁸ WESTHELLE, Vitor. Uma Fé em Busca de Linguagem: o Sedicioso Chame da Teologia na IECLB, in: **Estudos Teológicos**, vol. 32, n.1, São Leopoldo, 1992. p. 68-82.

¹⁹ ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **O perigo de uma história única**. São Paulo: Cia das Letras, 2019.

²⁰ RAMOS, A. Guerreiro. **Introdução crítica à sociologia brasileira**. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 1995.

²¹ MORIN, Edgar. **Introdução ao pensamento complexo**. Porto Alegre: Sulina, 2005.

²² SILVA, Tomaz Tadeu da. **Documentos de identidade: uma introdução às teorias do currículo**. Belo Horizonte: Autêntica, 2014.



ele se restringe a aspectos superficiais da biografia. Sabe-se que ele foi um padre, que escreveu as 95 teses, que as afixou nas portas da igreja e que formou o luteranismo; além disso, pouco se sabe. Todavia, esse é um problema na educação em geral, pois o mesmo poderia ser dito de Tiradentes, Dom Pedro II, Machado de Assis ou Zumbi dos Palmares. Disso resulta que a intersubjetividade também contribui para a comunicação de problemas comuns.

Esse cenário é agravado pelo contexto de isolamento da experiência migrante. Na história da IECLB, observa-se que as barreiras linguísticas e culturais possibilitaram a manutenção da “mentalidade de gueto”,²³ restringindo parcialmente o diálogo religioso intercultural. Esse isolamento pode ter constituído uma lógica cultural, pois, embora as congregações locais demonstrem domínio sobre sua história particular, percebe-se uma compreensão limitada do contexto histórico mais amplo da IECLB. Essa postura de isolacionismo contribui para a fragmentação da identidade denominacional, dificultando a coesão institucional.

A metáfora da coesão auxilia na compreensão do todo. Coesão não significa homogeneidade absoluta. Não é a singularidade ou o dogmatismo cultural que dá coesão à narrativa, mas os conectivos, as anáforas, os termos usados para sequenciação, referenciação, articulação e outros. Por isso, um texto pode ter diferentes vozes e perspectivas, mantendo sua unidade, assim como um grupo pode ser diverso e manter-se coeso. Sem essa coesão e influenciadas pelos discursos intersubjetivos, as comunidades correm o risco de serem vistas como parágrafos isolados do discurso institucional.

Considerando a competição intensificada no campo religioso brasileiro, a crise ainda pode aumentar. Principalmente por causa das denominações pentecostais e neopentecostais, que têm provocado mudanças em todas as igrejas brasileiras. No contexto da IECLB, essa lógica de mercado é constantemente criticada, assim como a teologia da retribuição e a teologia da glória. Todavia, o crescimento e desenvolvimento dessas instituições é um alerta para as constantes transformações culturais que, na contemporaneidade, são mais frequentes, demandando contínuas adaptações e estratégias de comunicação e engajamento que dialoguem com a cultura contemporânea.

²³ DREHER, Martin Norberto; WITT, Osmar Luiz; WACHHOLZ, Wilhelm. **Presença Luterana no Brasil: História e Testemunho**, São Leopoldo: Sinodal, 2024.



Dentre as mudanças produzidas a partir das influências do campo religioso brasileiro, estão as práticas relacionadas às lógicas da comunicação e da administração. São transformações litúrgicas, comunicacionais e teológicas: a incorporação de músicas contemporâneas, cultos mais dinâmicos e participativos, menor formalidade nos rituais, uso de tecnologia nos cultos, forte presença nas redes sociais e adaptação do discurso teológico com ênfase em temas populares relacionados à cultura midiática. Da perspectiva organizacional, destacam-se as ênfases na lógica de mercado, no marketing religioso, na gestão profissionalizada, no foco no crescimento e na formação de pequenos grupos, resultando em mudanças socioculturais, com maior participação política, maior engajamento em questões de grupo e ênfase contínua na formação de lideranças.

Partindo da perspectiva organizacional, como outras igrejas históricas (formadas a partir da Reforma Protestante), a IECLB enfrenta desafios organizacionais que incluem rigidez institucional, processos decisórios morosos e resistência à inovação. Ainda assim, devem-se considerar algumas diferenças. Quanto à lógica de mercado, observa-se um crescente envolvimento de igrejas históricas, como as batistas e presbiterianas. A ênfase na evangelização tem sido adaptada aos discursos de marketing e de crescimento institucional. A contínua formação de lideranças e as reuniões em pequenos grupos também têm sido um meio eficiente de crescimento nessas comunidades. Outra ênfase é a relação do conceito de missão com os discursos de engajamento nas atividades comunitárias. Considerando a experiência observada na IECLB, percebe-se maior dificuldade no diálogo de sua teologia e tradições com as mudanças organizacionais.²⁴ Segundo Mariano, o enfraquecimento dos vínculos religiosos tradicionais diante das mudanças contemporâneas representa uma ameaça substancial à sustentabilidade institucional.²⁵

Sobre a questão litúrgica, nas igrejas históricas em geral, também são observadas tensões significativas entre perspectivas tradicionais e contemporâneas. Na IECLB, essa dicotomia pode ser percebida como resistência, não apenas às mudanças relativas ao mercado religioso, mas

²⁴ As observações relacionadas às igrejas citadas são oriundas da experiência do autor como professor de teologia desde o ano 2001, e a partir de sua experiência comunitária nos diálogos com as comunidades e entre as lideranças dessas igrejas, considerando principalmente o contexto da capital do Estado de São Paulo e a região norte e noroeste do Paraná.

²⁵ MARIANO, Ricardo. Efeitos da secularização do Estado, do pluralismo e do mercado religiosos sobre as igrejas pentecostais. In: **Civitas, Revista de Ciências Sociais**, Porto Alegre, v. 3, n. 1, 2003. p.111-125.



também como resultado da autocompreensão identitária.²⁶ O artigo de Alexander Deeg e Júlio César Adam apresenta ampla discussão sobre o tema e descreve a postura atual entre a conservação da tradição e a dinâmica de transformação.²⁷

A partir da relação entre liturgia e organização, observou-se que os desafios relacionados à evangelização também possuem uma perspectiva singular. Diferentemente das outras igrejas históricas no Brasil, a IECLB não surge como proposta de evangelização, mas como acolhimento e refúgio em razão do contexto de guerras vivenciado na Europa.²⁸ Essa origem impacta na compreensão identitária da comunidade, pois a função eclesial também se confundiu com o contexto de guerra e colonização, alterando a significação da evangelização para relações de acolhimento, cuidado e ação social. Dessa forma, desde o início, a IECLB, devido à sua origem, pode ter se identificado mais pelo caráter cultural e étnico do que pela origem bíblica e teológica.

Este panorama geral sugere que, diante do cenário complexo de influência das intersubjetividades na formação da identidade eclesial, a IECLB tem assumido uma postura mais conservadora. E, ao mesmo tempo em que enfatiza posturas de resistência, também demanda maior compreensão de sua identidade frente aos desafios do campo religioso brasileiro.

Evangelho, Dialética e Identidade

A partir da publicação relativamente recente da edição crítica sobre as obras de Lutero²⁹, surgiram estudos que contemplam aspectos mais específicos de sua vida e obra. Embora sua teologia não seja organizada sistematicamente, seus escritos articulavam e relacionavam diversos saberes, utilizando principalmente a dialética como método. A partir dessa proposta, pretende-se estudar como Lutero abordou o conceito de evangelização e, a partir dele, propor uma contribuição para a compreensão da identidade luterana.

Nos escritos de Lutero, identificamos diversos momentos de erudição, diálogo com a filosofia, teologia, linguística e literatura clássica. A partir de seu comentário à carta de Paulo aos

²⁶ WESTPHAL, Euler Renato. Presença do luteranismo no Brasil: uma leitura ecumênica a partir de Lutero. In: **Revista Pistis Prax.**, Curitiba, v. 16, n. 1, 2024.

²⁷ DEEG, Alexander; ADAM, Júlio César. Transformações do luteranismo: A questão da identidade litúrgica confessional e sua relevância atual no diálogo entre Alemanha e Brasil. In: **Estudos Teológicos**, v.63, n.02 São Leopoldo, 2023.

²⁸ WACHHOLZ, 2009, p.193.

²⁹ As "Weimarer Ausgabe" (Edição de Weimar), frequentemente abreviada como WA, tem início em 1883, sendo que, algumas publicações, como o comentário da carta aos Romanos, por exemplo, tiveram sua primeira publicação em 1938.



Romanos (1517)³⁰, pode-se identificar que sua teologia já apresentava inicialmente os conceitos dos quatro solas (*sola scriptura, solus Christus, sola fide, sola gratia*) que fundamentaram a Reforma. Jeroslav Pelican, comentarista e tradutor da *Luther's Works*³¹, afirma que Lutero pregava em média duas ou três vezes, ocasionalmente quatro vezes, por semana. Nas *Conversas à Mesa*, no dia 19 de abril de 1538, ao falar de suas pregações em 1517, Lutero afirma que chegou a pregar quatro sermões em um único dia. Isso amplia a compreensão de seu ministério, que não se restringia apenas à academia.

A intensidade de seu ministério é retratada na prática pastoral, evidenciada nas suas pregações, mas também no fato de ser requisitado em diversas disputas, para conselhos sobre problemas gerais relacionados à Reforma, ao reino, às questões políticas e econômicas — não apenas na Alemanha, mas também em disputas acadêmicas ou relacionadas às monarquias na França, Bélgica (na época, os Países Baixos), Suíça, Inglaterra, entre outros. É evidente que não devemos exaltar sua personalidade, como ele mesmo advertiu, mas também não podemos reduzir sua pesquisa e atividade ao senso comum. Isso porque suas interpretações fornecem percepções singulares que até hoje fundamentam pesquisas nas áreas de filosofia, teologia e linguística. Esse olhar inicial lança luz sobre a dinamicidade e o alcance pretendidos pela Reforma.

Quanto ao conceito de Evangelho, iniciamos por seu comentário à carta aos Romanos (1515-1516). Neste, Lutero aborda o tema do Evangelho considerando a dialética entre mensagem e vida. Ele afirma que a Igreja foi feita através do Evangelho, pois é ele (o Evangelho) que estabelece a Igreja³², e o conteúdo principal do Evangelho paulino é o mesmo dos evangelistas: Jesus Cristo, o Filho de Deus.³³ Assim, Lutero fixa a identidade da Igreja nos Evangelhos e os compreende de forma dinâmica, não limitada aos textos dos evangelistas.

O 'Evangelho' não é apenas o que Mateus, Marcos, Lucas e João escreveram. Isso é claro o suficiente nesta passagem. Porque ele [Paulo] diz expressamente: Que o Evangelho é a palavra sobre o Filho de Deus

³⁰ Na Leitura do comentário da Carta aos Romanos pode-se identificar o conteúdo que posteriormente foi reconhecido como os "Sola's". LUTHER, Martin. Der Brief an die Römer. In: LUTHER, Martin. **Martin Luthers Werke**: kritische Gesamtausgabe. Weimar: Hermann Böhlau Nachfolger, 1938. v. 56.

³¹ LUTHER, Martin. Sermons I. In: PELIKAN, Jaroslav; LEHMANN, Helmut T. (ed.). **Luther's Works**, vl 51. Philadelphia: Fortress Press, 1959.

³² LUTERO, WA 56, 165

³³ LUTERO, WA 56, 167



encarnado, que sofreu e foi glorificado. Portanto, quem escreve ou ensina isso, seja Mateus ou Tomé, em quaisquer palavras ou línguas, isto é o Evangelho de Deus. (tradução nossa)³⁴

Lutero fundamenta sua afirmação nas narrativas em que o Evangelho é apresentado independente do texto, na experiência de fé (2Co 8:8), como foi no caso de Apolo, indicando que foram elogiados em razão da justa pregação do Evangelho. E, quando Paulo fala “do meu Evangelho”, trata-se de sua pregação sobre o Evangelho (Rm 2:16; 16:25; Tt 2:8, etc.) e não de uma referência ao texto dos evangelistas. A dialética de Lutero retoma a tensão que a semântica reduziu ao significar o texto como Evangelho, ignorando a vida. Assim, a identidade da Igreja é fundamentada no Evangelho enquanto expressão viva da mensagem que comunica.

Ainda na carta aos Romanos, o Evangelho é apresentado como o poder de Deus em oposição ao nosso poder.³⁵ Nessa *Scholia*, Lutero reflete sobre a tensão da relação entre a humanidade e Deus. Argumenta que a carne se envergonha de falar sobre o Evangelho, por isso resiste a falar e a ouvi-lo. Essa tensão decorre da disputa entre o poder humano e o poder de Deus. É um problema de confiança que surge da tensão presente em todas as relações. Ao confiar nas próprias forças, desconfia-se do Evangelho, que anuncia o poder de Deus para o cuidado da humanidade. Lutero considera que uma mensagem de abandono e de confiança total em Deus confronta as lógicas que exaltam o poder, a glória e a força individuais. Por isso, “é necessário que aquele que crê no Evangelho se torne fraco e tolo diante dos homens, para que seja poderoso e sábio na virtude e sabedoria de Deus”.³⁶

Os textos de Lutero propõem aforismos que nos ajudam a entender como ele pensava a identidade da Igreja. Assim, inicialmente, ela era formada pelo Evangelho enquanto mensagem e vida que confronta e denuncia a autoconfiança no poder humano frente ao poder de Deus.

Esse conceito de Evangelho é significativamente diferente e revolucionário para a época de Lutero. A concepção medieval entendia o Evangelho de forma limitada aos quatro livros canônicos e o compreendia, principalmente, como um texto histórico-narrativo. Além disso, ele era vinculado à autoridade eclesiástica para interpretação, sendo tratado, frequentemente, como um código de lei moral. Lutero, por sua vez, define o Evangelho como conteúdo (Cristo) a ser vivido, e não apenas forma (textos) a ser recitada. Isso resulta numa compreensão existencial, dinâmica e identitária, que

³⁴ LUTERO, WA 56, 169

³⁵ LUTERO, WA, 56, 170

³⁶ LUTERO, WA 56, 171 – (tradução nossa)



não reduz o Evangelho a um testemunho ou a um documento histórico. Essa abordagem é coerente com a intensidade do ministério de Lutero, demonstrando como o Evangelho era relevante na sua prática de fé.

Essa percepção também resultou na democratização do acesso ao Evangelho. Lutero criticou a exaltação do ministério ordenado e defendeu que qualquer pessoa que comunicasse Cristo seria um portador da mensagem do Evangelho.³⁷ Assim, ele defendeu e propôs a base da doutrina conhecida como o Sacerdócio Universal de Todos os Santos. Ele afirmou que, pela graça, até um bebê, após o batismo, já poderia ser considerado um sacerdote.³⁸ A tensão dialética é proposta a partir da redução do Evangelho ao espaço litúrgico dominical e ao ministério ordenado (um retorno à teologia escolástica). Com isso, entendemos melhor a compreensão de Lutero sobre a identidade da Igreja, que ampliou o ministério a todos. A democratização também foi inclusão na própria missão da Igreja.

A partir da democratização do Evangelho, não é difícil entender a compreensão de Lutero sobre a missão da Igreja. Em seus comentários sobre a passagem de Mateus 28:19-20 (O Grande Comissionamento), ele destaca que a pregação do Evangelho também deve alcançar todas as pessoas, independentemente de qual seja a sua origem.

Se Cristo não tivesse acrescentado “pregai a todas as criaturas”, eu não ligaria para isso, não desejaria ser batizado e me oporia a isso da mesma forma como, agora, me oponho a Moisés, a quem não dou a mínima, uma vez que ele nada tem a ver comigo, porque não foi enviado a mim, mas, exclusivamente, aos judeus. Mas, como Cristo diz que o Evangelho – “quem crer e for batizado, será salvo” – deve ser pregado, não apenas a um povo, neste ou naquele lugar do mundo, mas a todas as criaturas, ninguém é exceção. Todas as criaturas, ali, são abrangidas. Ninguém precisa duvidar de que o Evangelho deve ser pregado também a ele. Por isso acredito que a Palavra é dirigida também a mim, que também estou incluído sob o Evangelho e pertencço ao Novo Testamento. Por essa razão, aposto na Palavra, ainda que custe cem mil vidas³⁹.

Tanto o ministério quanto as pregações e os textos indicam que Lutero era um evangelista. Ele entendia que o Evangelho deveria ser comunicado de maneira clara e acessível a todos, independentemente de sua formação educacional ou posição social. Devido ao contexto de conflitos e críticas à Igreja Católica, a evangelização deveria ser realizada com simplicidade,

³⁷ LUTERO, Martinho. À nobreza cristã da nação alemã, acerca da melhoria do estamento cristão. In: LUTERO, Martinho. **Obras selecionadas**. São Leopoldo: Sinodal; Porto Alegre: Concórdia, 1989. v. 2, p. 283.

³⁸ LUTERO, OS 2, 1989.

³⁹ LUTERO, Martinho. Como Lidar com Moisés. In: LUTERO, Martinho. **Obras selecionadas**. São Leopoldo: Sinodal; Porto Alegre: Concórdia, 2003. v. 8, p. 192.



preocupada em evitar a redução do Evangelho a um corpo de regras. Novamente, a dialética é proposta entre Cristo e Moisés, entre o Evangelho e a Lei, ilustrando como a identidade poderia se perder facilmente dependendo de como a narrativa fosse pregada. Por isso, orienta: “Certifique-se de não transformar Cristo em um Moisés, como se Cristo não fizesse nada mais do que ensinar e dar exemplos, como fazem os outros santos, como se o Evangelho fosse simplesmente um manual de ensinamentos ou leis.”⁴⁰

A dialética entre Lei e Evangelho é fundamental no texto de Lutero. Primeiro, ele apresenta a dialética entre dádiva e exemplo. Dessa forma, mantém a tensão dialética, sem reduzir o Evangelho ao texto ou à experiência pessoal. Assim, ao entender o Evangelho como exemplo, indica o caminho do seguimento, pelo qual o Evangelho é a mensagem sobre Cristo que transcende o texto e se manifesta na vida. Quando alguém lê ou ouve sobre como Cristo orou, jejuou, ajudou as pessoas e demonstrou amor por elas, é desafiado a ser e a fazer o mesmo, por si mesmo e pelo próximo.⁴¹ Dessa forma, a identidade da Igreja também é dialética, quando, por um lado, segue o exemplo de Cristo na relação com o mundo, e, por outro, entende que apenas uma das ênfases não é suficiente para que seja Evangelho. Pode-se seguir o exemplo de qualquer pessoa; logo, Lutero entende que, para ser Evangelho, é necessário manter a tensão com a dádiva.

Para isso, ele usa o conceito de personalização⁴², pois o Evangelho não se limita a contar histórias inspiradoras. Antes, sua beleza está no “por mim” da mensagem; é isso que dá o sentido de boa nova. Assim, entende que todos os feitos de Cristo não são apenas histórias, mas ações de Deus por cada pessoa.

Essa compreensão dialética do Evangelho como dádiva e exemplo é um aforismo que amplia a significação sobre a identidade da Igreja. Assim, a comunidade não é reduzida ao exemplo e à prática social, pois sua identidade também depende da subjetividade, da relação individual com

⁴⁰ Esse texto é a principal referência (mais completa) ao conceito de Evangelho nos textos de Lutero. LUTERO, Martinho. A brief instruction on what to look for and expect in the Gospels., In: PELIKAN, Jaroslav, OSWALD, Hilton C.; LEHMANN Helmut T., **Luther's works vol. 35**. Philadelphia: Fortress Press, 1999, p. 119-120.

⁴¹ LUTERO, Martinho, Sermons II, In: PELIKAN, Jaroslav, OSWALD, Hilton C.; LEHMANN Helmut T., *Luther's works*, vol. 52, Philadelphia: Fortress Press, 1999, p. 119.

⁴² De que me serviria, se ele nascesse mil vezes e se isto me fosse cantado todos os dias com os mais belos ares, se eu não ouvisse que há algo nele para mim e que deve ser meu? Quando essa voz soa, por mais furtiva e imperfeita que seja, o meu coração escuta com alegria, e a voz alcança todo o caminho e soa esplendidamente. Se houvesse algo mais a pregar, então o anjo evangélico e o evangelista angélico tê-lo-iam abordado. (LW 52, 20-21, tradução nossa)

Deus, da compreensão de Cristo como dádiva “por mim”. Sem essa dimensão, não há Evangelho, mas apenas ação social.

Para Lutero, “a pregação do Evangelho nada mais é do que Cristo vindo a nós, e nós sendo levados a ele”.⁴³ Com isso, ele entende um movimento dialético em que, como dádiva, Cristo trabalha e ajuda todos, o que resulta no exemplo de ser em favor do próximo. Assim, evangelizar consiste em, como Ele, sermos entregues também como uma dádiva e exemplo.

Lutero também chama atenção para outra tensão na relação entre Lei e Evangelho. Para isso, ele inicia referindo-se ao Evangelho de forma não limitada ao escrito, mas como a palavra falada, como Cristo e os Apóstolos fizeram.⁴⁴ Ele entende que a boa nova deve ser proclamada de “boca a boca”, pois, de outra forma, reduzida à escrita, corre-se o risco de transformá-la em um livro de leis e de transformar Cristo em um Moisés.

Esse discurso é recorrente nos textos de Lutero. O que estava em risco era a identidade da Igreja. A compreensão dos Evangelhos poderia alterar profundamente a significação da comunidade. Sua teologia propõe uma reflexão mais complexa, mantendo as tensões e recusando a síntese, tão comum nas tradições aristotélicas. Reduzir a tensão poderia resultar em uma compreensão legalista de Cristo ou moralista, considerando o contexto escolástico. A redução do Evangelho a regras poderia conduzir a Igreja à autoconfiança e perpetuar a episteme do poder e da glória humana, negando a episteme dos Evangelhos, que promove o poder de Deus frente à fraqueza humana.⁴⁵

Ele trata da ilusão do poder que desvia as pessoas, de modo que “a fé e o amor desapareceram junto com o Evangelho”.⁴⁶ Ele denuncia a lógica do poder humano que inverte o Evangelho, pois não aceita que os últimos sejam os primeiros. Ele faz um trocadilho, dizendo que, para estes, “esse tesouro é naturalmente o mais odioso, porque faz com que os primeiros sejam os últimos” (Mt 20:16, tradução nossa).⁴⁷ Para Lutero, o Evangelho surge como mensagem de crise para os fortes, para os primeiros, para os sábios, pois liberta as pessoas das categorizações classificatórias e, assim, confunde os fortes e sábios com a humildade e a cruz. Aqueles cujo prazer está nas coisas terrenas

⁴³ LUTERO (LW, 35, 121).

⁴⁴ LUTERO (LW, 35, 123).

⁴⁵ LUTERO (LW, 52, 18).

⁴⁶ LUTERO (LW 52, 18).

⁴⁷ Martinho Lutero. Career of the Reformer I, In: PELIKAN, Jaroslav, OSWALD, Hilton C.; LEHMANN Helmut T. **Luther's works**, vol. 31, Philadelphia: Fortress Press, 1999. p.232.



e em suas próprias ações recuam diante dessa regra da cruz, pois a palavra de Cristo é odiosa para uma sociedade que prega a grandeza pessoal.

A perspectiva de Lutero sobre o Evangelho, caracterizada por sua natureza dinâmica e dialética, oferece elementos fundamentais para a construção da identidade luterana. Seu entendimento transcende a mera interpretação textual-histórica dos Evangelhos, propondo uma compreensão existencial que se manifesta na tensão dialética entre dom e exemplo. Essa abordagem evita a redução do Evangelho tanto ao legalismo quanto ao doutrinário estrito. Sua proposta do sacerdócio universal democratiza o acesso ao Evangelho, reconhecendo cada pessoa batizada como portadora legítima da mensagem evangélica, independentemente de ordenação formal. A tensão dialética que ele mantém entre o aspecto objetivo (Cristo como dom) e subjetivo (Cristo como exemplo) protege a identidade luterana de cair tanto no individualismo quanto no moralismo. Por fim, sua insistência em compreender o Evangelho como palavra viva e falada, que precisa ser constantemente proclamada e vivida em comunidade, estabelece uma resistência à sua transformação em um mero código de leis, preservando assim sua natureza dinâmica e transformadora.

Considerações finais

A comemoração dos 200 anos da presença luterana no Brasil, em 2024, representa um momento oportuno para reflexão sobre os desafios identitários e institucionais da IECLB. O panorama apresentado revela uma igreja que enfrenta múltiplos desafios: desde as transformações socioculturais provocadas pela urbanização e modernização do campo até a necessidade de se posicionar em um cenário religioso cada vez mais diversificado e competitivo. Nesse contexto, a questão da identidade emerge como ponto central, não apenas pela herança histórica como igreja de imigração, mas principalmente pelos diferentes paradigmas de relação cultural identificados.

A análise da compreensão dinâmica e dialética do Evangelho em Lutero oferece importantes contribuições para enfrentar os desafios identitários atuais da IECLB. Sua proposta apresenta o Evangelho como algo além do texto, uma mensagem viva e dialética que combina dom e exemplo, oferecendo uma perspectiva sólida e atual para lidar com as tensões contemporâneas. A partir da pesquisa realizada, isso se articula com os desafios atuais em três aspectos:

Primeiro, a compreensão dinâmica do Evangelho proposta por Lutero permite uma abordagem mais flexível à questão da identidade institucional, evitando tanto o isolacionismo



cultural quanto a dissolução completa da identidade confessional. Assim como Lutero resistiu à redução do Evangelho a um mero texto histórico ou código moral, é possível fundamentar uma identidade confessional que seja simultaneamente fiel à sua herança e aberta ao diálogo com a contemporaneidade, preservando, assim, tanto a letra quanto o espírito.

Em segundo lugar, o princípio do sacerdócio universal estabelecido por Lutero oferece bases teológicas para uma renovação da missão evangelística que supere a mentalidade de gueto, sem comprometer os princípios confessionais. A democratização do acesso ao Evangelho, defendida por Lutero, pode inspirar novas formas de engajamento comunitário e comunicação. Por intersecção, o sacerdócio universal alcança maior relevância quando é transmitido à luz da dinâmica do Evangelho, pois não há sentido em um sacerdócio universal que não dialogue com o Evangelho enquanto dom e exemplo.

Dessa forma, a manutenção da tensão dialética entre os aspectos objetivo (dádiva) e subjetivo (exemplo) do Evangelho pode auxiliar a igreja a navegar entre as demandas por preservação da tradição e necessidade de renovação, especialmente no âmbito litúrgico e doutrinário. Aqui, a questão da identidade pode ser ressaltada acima de pressupostos culturais e essencialistas, compreendendo o Evangelho como exemplo de vida guiado pela compreensão pessoal resultante da interiorização de Cristo. Dessa forma, a identidade da igreja se confunde com a identidade de Cristo, como dádiva e exemplo.

Conclui-se que o legado teológico de Lutero, particularmente sua compreensão dinâmica e dialética do Evangelho, oferece recursos para que a igreja, como um todo, e, especificamente, a IECLB enfrentem seus desafios identitários atuais, permitindo uma renovação da identidade pelo conceito de Evangelho. Sem esse entendimento, há o risco de a igreja se perder em discursos vagos e sem sentido.

O bicentenário surge como oportunidade para refletir sobre novas possibilidades e reafirmar essa herança teológica de forma contextualizada aos desafios contemporâneos.

Referências

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **O perigo de uma história única**. São Paulo: Cia das Letras, 2019.

ANZALDÚA, Gloria. La conciencia de la mestiza/Rumo a uma nova consciência. In: **Estudos Feministas**, vol. 3, núm. 13, Florianópolis, 2005, pp. 704-719.



- BHABHA, Homi. **O Local da Cultura**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2001.
- COUTO, Andréia Terzariol. Modernização do campo: novos paradigmas frente às tecnologias contemporâneas. In: **Geografia**, v. 28, n. 1, Rio Claro, 2003, p. 135-146.
- DEEG, Alexander; ADAM, Júlio César. Transformações do luteranismo: A questão da identidade litúrgica confessional e sua relevância atual no diálogo entre Alemanha e Brasil. In: **Estudos Teológicos**, v.63, n.02 São Leopoldo, 2023.
- DREHER, Martin Norberto. Visão, luta, herança: Hermann Gottlieb Dohms e a identidade da IECLB. In: **Estudos Teológicos**, v.18, n.3, São Leopoldo, 1978.
- DREHER, Martin Norberto; WITT, Osmar Luiz; WACHHOLZ, Wilhelm. **Presença Luterana no Brasil: História e Testemunho**, São Leopoldo: Sinodal, 2024.
- LIMA, Eduardo Sales. “Fiz-me tudo para com todos”: A mentalidade de fronteira na teologia de Paulo. In: **RIBLA**, vol. 91, n.3, Quito, Equador, 2023.
- LIMA, Eduardo Sales. **A invenção do pecado por uma teologia pós/de-colonial**. 2020. 197 p. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação, Faculdades EST, São Leopoldo, 2020
- LUTERO, Martinho, Sermons II, In: PELIKAN, Jaroslav, OSWALD, Hilton C.; LEHMANN Helmut T., **Luther's works, vol. 52**, Philadelphia: Fortress Press, 1999
- LUTERO, Martinho. A brief instruction on what to look for and expect in the Gospels., In: PELIKAN, Jaroslav, OSWALD, Hilton C.; LEHMANN Helmut T., **Luther's works vol. 35**. Philadelphia: Fortress Press, 1999.
- LUTERO, Martinho. À nobreza cristã da nação alemã, acerca da melhoria do estamento cristão. In: LUTERO, Martinho. **Obras selecionadas, vol 2**. São Leopoldo: Sinodal; Porto Alegre: Concórdia, 1989.
- LUTERO, Martinho. Como Lidar com Moisés. In: LUTERO, Martinho. **Obras selecionadas, vol 8**. São Leopoldo: Sinodal; Porto Alegre: Concórdia, 2003.
- LUTHER, Martin. Der Brief an die Römer. In: LUTHER, Martin. **Martin Luthers Werke: kritische Gesamtausgabe**. Weimar: Hermann Böhlhaus Nachfolger, 1938. v. 56.
- LUTHER, Martin. Sermons I. In: PELIKAN, Jaroslav; LEHMANN, Helmut T. (ed.). **Luther's Works, vl 51**. Philadelphia: Fortress Press, 1959.
- MARIANO, Ricardo. Efeitos da secularização do Estado, do pluralismo e do mercado religiosos sobre as igrejas pentecostais. In: **Civitas, Revista de Ciências Sociais**, Porto Alegre, v. 3, n. 1, 2003. p.111-125.



MARIANO, Ricardo. Mudanças no campo religioso brasileiro no censo 2010. In: **Debates do NER**, Porto Alegre, ano 14, n. 24, p. 119-137, jul./dez. 2013, disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/debatesdoner/article/download/43696/27488/175702>

MORIN, Edgar. **Introdução ao pensamento complexo**. Porto Alegre: Sulina, 2005.

QUIJANO, Aníbal. **Cuestiones y horizontes: de la dependencia histórico-estructural a la colonialidad/descolonialidad del poder**. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: CLACSO; Lima: Universidad Nacional Mayor de San Marcos, 2020.

RAMOS, A. Guerreiro. **Introdução crítica à sociologia brasileira**. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 1995.

RIBEIRO, Darcy. **Maíra**. São Paulo: Círculo do Livro. 1977, p.19.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Documentos de identidade: uma introdução às teorias do currículo**. Belo Horizonte: Autêntica, 2014.

SUNG, Jung Mo. **Igreja, mercado e poder**. São Paulo: Fonte Editorial, 2019.

TEDESCO, João Carlos; NEUMANN, Rosane Márcia (Orgs.) **Colonos, colônias e colonizadoras: Aspectos da territorialização agrária no sul do Brasil**. Passo Fundo: Ed. Uni. Passo Fundo, 2019.

WACHHOLZ, Wilhelm. Luteranismo no Brasil: trajetórias e desafios. In: **Estudos Teológicos**, v. 49 n. 2, São Leopoldo, 2009 p. 180-206.

WESTHELLE, Vitor. Uma Fé em Busca de Linguagem: o Sedicioso Chame da Teologia na IECLB, in: **Estudos Teológicos**, vol. 32, n.1, São Leopoldo, 1992. p. 68-82.

WESTPHAL, Euler Renato. Presença do luteranismo no Brasil: uma leitura ecumênica a partir de Lutero. In: **Revista Pistis Prax.**, Curitiba, v. 16, n. 1, 2024 Disponível em: [https://periodicos.pucpr.br/pistispraxis/article/view/31230#:~:text=A%20presen%C3%A7a%20do%20luteranismo%20est%C3%A1,Luterana%20no%20Brasil%20\(IECLB\)](https://periodicos.pucpr.br/pistispraxis/article/view/31230#:~:text=A%20presen%C3%A7a%20do%20luteranismo%20est%C3%A1,Luterana%20no%20Brasil%20(IECLB)).

WIRTH, Lauri Emílio. Protestantismo e colonização alemã no sul do Brasil: memória de conflitos. In: RAMOS, Heloisa Helena Capovilla da Luz; ARENDT, Isabel Cristina; WITT, Marcos Antônio. **Religiosidades em migrações históricas e contemporâneas**. São Leopoldo: Oikos; Editora Unisinos, 2016.